

INVENTÁRIO DA LINHA FRONTEIRIÇA BRASIL-URUGUAY: DESLOCAMENTOS ENTRE CIDADES-GÊMEAS

LORENA MAIA RESENDE¹; RAFAELA BARROS DE PINHO²; LUANA PAVAN
DETONI³; CAROLINA MESQUITA CLASEN⁴; EDUARDO ROCHA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – lorenamiltao@gmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – rafaelaapinho@gmail.com;

³Universidade Federal de Pelotas – luanadetoni@gmail.com;

⁴Universidade Federal de Pelotas – carolina.mescla@gmail.com;

⁶Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Do latim *inventarium*, *inventio*, “achado, descoberta”, a palavra inventário originalmente foi empregada para designar um grande documento/lista onde se encontravam registrados os produtos de armazéns. Na arquitetura o inventário pode ser entendido como um meio de catalogação, identificação e reconhecimento do patrimônio arquitetônico das cidades, uma ação capaz de incentivar o diálogo, estimular a reflexão, a pesquisa e a proteção dos bens patrimoniais.

A partir de uma experiência da viagem na fronteira Rio Grande do Sul/Brasil e o Uruguai, realizada em março de 2016, percorreu-se pelas doze cidades principalmente nas proximidades/sobre a linha¹ de fronteira. Partindo da cidade de Pelotas rumo as cidades-gêmeas de: Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Santana do Livramento-Rivera, Quaraí-Artigas, Barra do Quaraí-Bella Unión e Aceguá-Acegua, o grupo de 22 (vinte e dois) viajantes-nômades-pesquisadores (estudantes, professores e profissionais²) de diversas áreas do conhecimento (arquitetura, urbanismo, artes visuais, engenharia, nutrição, geologia, sociologia, letras, música e história) percorreu esse território em seis dias como estrangeiros e errantes, em uma (i)lógica contínua.

Historicamente a fronteira Brasil-Uruguai recebe epítetos de fronteira-viva, fronteira-modelo, fronteira da paz, sendo considerada a fronteira mais aberta, densa e homogeneamente povoada. Antagonicamente à essas adjetivações apontadas por Adriano Silva Pucci (2010) no *Estatuto da Fronteira*, os viajantes relataram experiências em um território heterogêneo, de fronteiras singulares em cada encontro, seja pelas pontes sobre as águas, ou secas através das ruas e das praças. Esses agenciamentos, fazem alusão à uma fronteira filosófica em uma fronteira arquitetônica, urbana e geográfica.

Através da experiência metodológica da viagem, acompanhado de registros fotográficos e fichas de composição iniciou-se o processo de descrição do inventário tanto dos edifícios como da ambiência urbana. O objetivo da pesquisa é organizar um pensamento e dar visualidade as formas das arquiteturas e urbanismos das cidades da fronteira Brasil-Uruguay, buscando formar um discurso

¹ Linha de fronteira é a borda ou o limite geográfico, diferente de faixa de fronteira que abarca uma dimensão de 150km em torno da linha de fronteira. A linha de fronteira é um como um traçado imaginário na periferia geográfica das nações, estabelecimento jurídico que separa os povos ou, ainda, ponto de junção entre nacionalidades (Campigoto, 2008).

² São eles: Ana Vieira, Adriana Ança, Cláudia Brandão, Dianine Cerson, Eduardo Rocha, Enéia Munhoz, Gabriela Cavalheiro, Gustavo Reginato, Ítalo Franco, José Curbelo, Laís Portela, Lorena Maia, Luana da Costa, Luana Deroni, Mariana Corteze, Pierre dos Santos, Sarah Dorneles, Rafaela Barros de Pinho, Rodrigo de Assis, Rubens Leal, Thays Afonso, Vanessa Forneck. <http://www.paraformalnafronteira.com>

heterogêneo sobre a fronteira em contraposição a homogeneidade percebida nos discursos vigentes.

Como resultados é criado um site para acompanhamento online da evolução do trabalho, além do projeto para a construção de um livro com fotografias, relatos e mapas que descrevem as cidades-gêmeas e comparam sua diversidade umas com as outras. O trabalho torna-se investigativo e potente uma vez que ainda não existe uma bibliografia específica que relate sobre os 2.110km da linha fronteira, encontrando somente alguns casos em que geram padronizações e replicações de um mesmo discurso.

2. METODOLOGIA

A metodologia usada na pesquisa se entende como a pedagogia da viagem que acontece pelo universo da descoberta, além da viagem exploratória, mas uma constatação de certos aspectos que estavam ali – ocultos. A viagem embora trace caminhos preparados, conhecidos – “porque de certa forma conhecemos para onde vamos” – pode nos apontar novos e diversos caminhos a seguir (pensar). E no mesmo caminho abrindo brechas para expandir nossos próprios caminhos e sempre reorientar criticamente nossas concepções (cartografia).

A viagem possibilita ver a vida, a ciência e a educação para além do pensamento dicotômico do mercado diário da educação. Um mercado da antecipação das respostas, “mais seguro”, onde não se podem fazer novas perguntas. A pedagogia da viagem ao contrário, baseada em Popkewitz (2001) que nos indica que devemos buscar perguntas, as respostas não as extinguem ou reduzem. “Que nem o homem, nem a vida, nem a natureza são domínios que se oferecem espontânea e passivamente à curiosidade do saber” (Foucault, 1987, p.87).

Ao redor dos registros fotográficos identificamos diversidades de olhares e sensações: fotografar, escutar, escrever, mapear, anotar, rascunhar, relatar, falar e “pensar”. Junto a esses movimentos identificamos vários espaços de espera e deslocamento, espaços de pensamento vazio – paradas, necessários para a elaboração e avanço das problemáticas. O tempo da experiência in loco (nas áreas centrais das cidades) e o tempo da experiência estendida (na estrada e nos hotéis).

O processo da viagem pode ser dividido em três grandes etapas: a primeira se refere aos antecedentes e preparativos da viagem (a expectativa/ansiedade), a segunda seria o acontecimento da viagem (a experiência) e por fim o retorno (a pausa/reflexão).

O trajeto da viagem teve início no dia 14 de março de 2016, saindo da cidade de Pelotas até as cidades de Chuí-Chuy, por ordem seguimos por Jaguarão-Rio Branco, Santana do Livramento-Rivera, Quaraí-Artigas, Barra do Quaraí-Bella Union, Aceguá-Acegua, para cada cidade-gêmea o grupo destinou um dia. No dia 19 de março de 2016, retornamos para a origem, Pelotas. Totalizamos aproximadamente 25 horas e 2.110km para percorrer todo o roteiro.

O trajeto percorrido aconteceu no centro de cada cidade pela facilidade de deslocamento e também por ser o local próximo à linha de fronteira. Um dos instrumentos de coleta utilizados além do registro fotográfico foi o diário de viagem, elaborado pelo laboratório de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, composto por: cronograma de viagem, mapa geral do percurso, informações diretas de cada cidade, um mapa geral e outro com zoom no centro de cada cidade e folhas em branco para anotações. Anexou-se também ao diário a ficha compositiva do inventário, setorizada em tipologias, estrutura urbana, paisagem e pessoas. A cada

edificação identificada o código da fotografia era preenchido na planilha para melhor organização.

A viagem por toda linha fronteira Brasil-Uruguay possuía um propósito inicial de certificar, ou não, o discurso hegemônico incorporado à essa fronteira. Como se todas as doze cidades apresentassem características análogas pelo único fato que as tornam semelhantes: ser fronteira. Acredita-se que através da organização do inventário e observação das fotografias será possível confirmar ou não essa hipótese de identidade genérica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o retorno da viagem realiza-se o trabalho de organização e sistematização das fotografias, mapas, relatos e anotações. Para auxiliar esse trabalho foram testados alguns softwares gratuitos. Publicou-se um site da plataforma wix³ com informações gerais da viagem e a narrativa de todos viajantes. Além de outro software, o storymaps que através de pontos georeferenciados localizam as fotografias registradas pelos viajantes, podendo assim ter um melhor entendimento da espacialidade e entorno.

Concomitantemente ao processo de sistematização dos dados são feitas análises que comprovam a diversidade arquitetônica e urbanística da fronteira. Primeiramente se observa que as seis cidades-gêmeas possuem características bem específicas, algumas com um caráter mais urbano e com grande densidade populacional como Santana do Livramento/Rivera e outras voltadas para o meio rural com baixa densidade populacional, por exemplo Aceguá/Acegua. A linha de fronteira - o que une e separa ao mesmo tempo - tem diferentes tratamentos, no caso de Chuí/Chuy, Santana do Livramento/Rivera e Aceguá/ Aceguá são fronteiras secas divididas por uma rua e/ou praça em comum. Enquanto, Jaguarão/Rio Branco, Quaraí/Artigas e Barra do Quaraí/Bella Unión são fronteiras unidas por uma ponte, uma vez que o limite sócio-político entre os países é propiciado pela linha geográfica do rio. Percebeu-se que mesmo aquelas cidades compartilhadas por uma rua, que possuem uma continuidade, como Chuí/Chuy e Santa do Livramento/Rivera são facilmente diferenciadas, principalmente pelo traçado urbano e características arquitetônicas. Do lado uruguaio geralmente as ruas mantêm um padrão de vias mais largo com um tratamento específico das esquinas e calçadas. No entanto, do lado brasileiro as vias são mais estreitas e não há um padrão de destaque das esquinas.

Quanto a arquitetura coexiste muitos tempos e peculiaridades de cada cidade. Quaraí - Brasil e Artigas - Uruguai possuem predominâncias diferentes quanto aos tempos arquitetônicos. Em Quaraí (figura1), na região central, tem destaque a arquitetura eclética, que é a soma de vários estilos arquitetônicos do passado para a criação de uma nova linguagem. Esse estilo possui algumas características elementares como o alinhamento predial, a divisão em base-corpo-coroamento, balaustrada na platibanda, presença de cornija, padieira em forma de cornija acima das janelas, entre outras. Por sua vez, do outro lado da ponte, em Artigas (figura 2) há um predomínio da arquitetura moderna que é o reflexo das grandes inovações técnicas que começam a surgir já no fim do século XIX. Pode ser identificada pelas formas simples, geométricas, e desprovida de ornamentação, além de valorizar o emprego dos materiais em sua essência.

³<http://www.paraformalnafronteira.com>



Figura 1 - prefeitura de Quaraí/Brasil.
Fonte: do autor, 2016



Figura 5 - residência em Artigas/Uruguai.
Fonte: do autor, 2016

Como percebido nos poucos exemplares citados a fronteira é um local rico, potente e que merece um estudo aprofundado do seu desenvolvimento. Semelhanças, diferenças, particularidades a tornam original. E, através da experiência da viagem foi possível coletar materiais, fotografias, vivências que comprovam a multiplicidade da fronteira.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa surgiu de uma inquietação sobre o discurso hegemônico referido a toda fronteira Brasil-Uruguai, e também, é encarada como um processo investigativo de reconhecimento, uma vez que o trabalho é inédito.

Os resultados ainda são parciais, mas pressupõe-se que pela quantidade de informações coletadas alcançará um número considerável de controvérsias sobre toda extensão fronteiriça. Até então, nota-se que a fronteira possui suas singularidades tanto entre as seis cidades-gêmeas como em cada cidade-gêmea de um país e de outro, além da diversidade dos temas do inventário seja na tipologia, no desenho urbano ou nas pessoas. Mediante tanta complexidade é notório como a fronteira é heterogênea e desmistifica o discurso genérico até então conhecido.

A intenção é publicar um livro do inventário, com as fotos ilustrativas, relatos da experiência da viagem e análises arquitetônicas e urbanas do seu processo de desenvolvimento, dinamizando assim um conhecimento fundamental para o planejamento e possíveis intervenções na zona de fronteira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

OLIVEIRA, Jelson. **Filosofia da viagem**. Sabedoria Prática v.2. Curitiba: Editora Champagnat, 2013.

POPKEWITZ, Thomas. **Lutando em defesa da alma**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PUCCI, Adriano Silva. **O estatuto da fronteira Brasil-Uruguai**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2010.

IPHAN. **Educação patrimonial: Inventários Participativos**. Zero Hora Digital, Brasília. 2016. Manual de aplicação. Acessado em 08 ago. 2016. Online. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/InventarioDoPatrimonio_15x21web.pdf